

A TRIBUNA

CIDADANIA. Jornalista e dirigente da Associação UP Down de Santos falam em superar preconceito e se firmarem no mercado

Deficientes mostram força e defendem a inclusão social

FABIANA HONORATO
DA REDAÇÃO

A força exigida para cada passo, apoiado nas muletas, deixa o rosto de pele clara com as bochechas rosadas. Os olhos, reduzidos pelas grossas lentes dos óculos, quase tocam o papel durante a leitura. Aos poucos, Eduardo Ravasini, de 31 anos, quebrou a imagem de fragilidade, normalmente associada aos deficientes, e provou porque a inclusão deles no mercado de trabalho é um caminho inevitável no Brasil.

Jornalista, assessor de imprensa de três entidades na Baixada Santista e consultor, Ravasini deu um depoimento impactante durante a 1ª Jornada Internacional Sobre Inclusão, ontem. O evento foi promovido pelo Centro Espírita Beneficente 30 de Julho.

Entre dinâmicas com o público e brincadeiras com as próprias limitações – nasceu com deficiência física e visão parcial –, o jornalista defendeu o respeito às diferenças e à valorização do ser humano.

“É preciso olhar cada um individualmente e isso exige uma quebra de paradigma na educação. Educar é preparar para a vida”. A autonomia, frisou Ravasini, propicia condições para a evolução dos portadores de



FOTOS: ALBERTO MARQUES

O Centro Espírita 30 de Julho promoveu a 1ª Jornada Internacional Sobre Inclusão

deficiência. Desta forma, podem se beneficiar com a inclusão no mercado de trabalho.

Para o jornalista, o aumento das contratações pela lei de cotas demonstra que é necessária uma mudança de comportamento da sociedade. “Temos que lutar por uma consciência maior, para que as pessoas en-

tendam que a inclusão não beneficia só o deficiente, mas a família e os amigos também”.

De forma direta e com o realismo que levou muitos às lágrimas, Ravasini confessou que, apesar das dificuldades, as conquistas representam a soma do esforço pessoal e da cooperação de terceiros. Mas alertou:

“Será que o ritmo imposto nas salas de aula com deficientes está adequado? Será que não estamos indo rápido demais? É preciso esse olhar para que o deficiente incluído na escola ou no trabalho não fique num canto, sem utilidade”.

Numa época em que as escolas se negavam a matricular

Foco

“Paciência nunca é demais; amizade nunca é demais; é só nos colocarmos no lugar do outro”

Eduardo Ravasini, jornalista, portador de deficiência física e com visão parcial



crianças com necessidades especiais, Leticia Paula de Gaspar Silveira iniciou uma mobilização que ajudou a sociedade a aprender com a diversidade.

Mãe de uma adolescente com síndrome de down e vice-presidente da Associação UP Down de Santos, ela destacou a necessidade de oferecer oportu-

nidades iguais a todos. Deficientes ou não. “A sociedade é como uma orquestra: nem todos tocam piano, mas quando tocam juntos ouvimos a maravilhosa sinfonia da vida”.

Membro da Fundação Catalana de Síndrome de Down de Barcelona, na Espanha, a assistente social Mônica Vasquez enfatizou os resultados positivos do trabalho em grupo. Desde a dificuldade de aceitação do diagnóstico até a preparação para a vida autônoma, as trocas de fases são compartilhadas com os semelhantes.

“É mais fácil trabalhar em grupo porque as situações dolorosas são comuns a todos. Agora, estamos lidando com os avós, que representam uma nova etapa e se sentem incapazes de lidar com um down”.

A preocupação com a inclusão no mercado de trabalho motivou a criação do Núcleo de Orientação para o Trabalho do 30 de Julho e do Núcleo de Orientação e Capacitação para o Trabalho (Noct) do Lar das Moças Cegas.

Para o coordenador do Espaço da Cidadania, o sindicalista Carlos Aparício Clemente, “falta fiscalização do Ministério do Trabalho para que a lei de cotas seja aplicada”.